

O seriado El Chavo del Ocho como um produto folkcomunicacional que reflete a sociedade mexicana descrita por Octavio Paz

Denis Porto Renó¹

Resumo: Este trabalho, de caráter reflexivo, propõe um olhar ao seriado mexicano El Chavo del Ocho, conhecido no Brasil como Chaves, a existência de uma estrutura folkcomunicacional que transforma o seriado numa ferramenta que caminha na contramão desta realidade midiática, onde os dominantes determinam o conteúdo narrativo. Também apresenta-se, neste trabalho, indícios a uma tese mais ampla de que o seriado possui qualidade de conteúdo, contradizendo teses de origens eruditas, que definem o mesmo como um programa de má qualidade e sem conteúdo narrativo. Para isso, apóia-se em especial nos conceitos de Paz (2006) e Beltrão (2004) e Canclini (2002), além de apresentar uma breve história do programa. Espera-se, com este trabalho, de caráter reflexivo, contribuir com novas pesquisas sobre folkcomunicação e rever os conceitos do poder da televisão como ferramenta aliada às classes dominantes.

Palavras-chave: Comunicação, Folkcomunicação, Televisão, Audiovisual, Chaves.

Abstract: This work, reflective of character, offers a look at the series the Mexican El Chavo del Ocho, known in Brazil as Chaves, the existence of a structure that converts the folk-communication series a tool that walks in this situation media, which determine the dominant narrative content. Also presents in this work, evidence of a thesis more large that the series has quality content, contradicting theories of origins erudite, defining it as a program of poor quality and without narrative content. For this, supports, in particular the concepts of Peace (2006) and Beltrão (2004) and Canclini (2002), besides presenting a brief history of program. It is expected this work, reflective of character, contribute with new research on folkcomunicação and review concepts of the power of television as a tool for combined classes dominant.

Keywords: Communication, Folk-communication, Television, Audiovisual, Chaves.

Introdução

Uma sociedade possui diversos olhares, de distintos pontos, o que diversifica a compreensão da mesma. Aos olhos de Octavio Paz, escritor de origem mexicana, os grupos populares do México possuem distintas características, fundamentadas em fatos históricos vividos pelo país desde a chegada dos espanhóis, através de informações transmitidas comumente pela literatura.

Octavio Paz apresenta de forma literária uma reconstrução histórica que direciona seus olhares a um foco conceitual e sociológico da personalidade mexicana. A obra, apesar de crítica e

¹denis@ojosenelmundo.com

firme em seu ponto-de-vista, é considerada por correntes acadêmicas como uma referência na reconstrução e representação dos traços pessoais dos mexicanos. E com apoio em dados históricos, o autor discute e apresenta tais características.

De acordo com Paz (2006), a personalidade mexicana é composta de tristeza, rejeição às suas origens pré-cortezianas e espanholas, e o mesmo define tais rejeições com base na história do país e de seus personagens históricos e sociais, como a Malinche e os pachucos. O autor reconstrói a sociedade mexicana de forma generalizada através de sua obra literária.

Porém, nem sempre essa transmissão restringe-se à literatura, mas também em mídias mais populares e por alguns consideradas sem conteúdo cultural, como a televisão. Além disso, convive-se com um preconceito presente nos seriados televisivos e nas telenovelas produzidas pelo México, um dos mais importantes produtores de conteúdo televisivo do mundo. Neste ponto, pode-se compreender tais críticas pelos conceitos da Indústria Cultural, onde a transmissão massiva de cultura massifica um povo e o faz pensar e agir de forma que interessa aos dominantes, à elite. Segundo Marques de Melo (2007, p.22):

(...) os discípulos de Luiz Beltrão ampliaram o seu raio de observação dos fenômenos folkcomunicacionais, não se limitando a analisar os processos de recodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos, de natureza folkmediática. O seja, pesquisando a apropriação de bens da cultura popular pela indústria cultural (...).

Mas nem todo conteúdo massivo contempla aos interesses da elite, deixando os grupos marginalizados em segundo plano. Um dos exemplos onde estes grupos populares agem com locutores é o seriado *El Chavo del Ocho*, conhecido no Brasil como *Chaves*. Nele, podem ser encontrados diversos personagens populares, que ganham voz de protesto e de solidificação pelas ações dos mesmos no decorrer dos seriados. De forma sutil, seu criador, o ator e escritor Roberto Bolamos desenvolve histórias que se revelam ao telespectador através do humor e também da simplicidade característica nas produções do México. Características essas que levam o telespectador a sentir o clima popular, marginalizado dos personagens do seriado.

Com base nos traços apresentados por Paz (2006) e nos conceitos da folkcomunicação e cultura popular apresentados respectivamente por Beltrão (2004) e Canclini (2002), desenvolveu-se neste trabalho uma relação entre o programa *El Chavo del Ocho* e a sociedade mexicana des-

crita na obra do autor. Trata-se de um artigo que analisa, de forma reflexiva e com base na pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo filmico, aplicado ao seriado. Descobriu-se que no seriado são encontrados diversos personagens sociais descritos por Paz, o que justifica a conclusão final.

Conceitos metodológicos da pesquisa

Num primeiro ponto, apoiou-se nos conceitos da folkcomunicação, que pode ser compreendida de forma simplista como a junção entre Folk, de folclore, que tem como objetivo resgatar e manter viva as raízes da cultura de um povo, e a comunicação da massa, ou comunicação do povo. Trata-se dos processos comunicacionais dos grupos populares. De acordo com Beltrão (2004, p.72):

O discurso folclórico, em toda a sua complexidade, não abrange apenas a palavra, mas também meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos que, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais, graças a dinâmica da Folkcomunicação.

Em *El Chavo del Ocho*, estão presentes o humor e a criatividade defendidas também por Canclini. Para o autor, estas características estão presentes nos conteúdos midiáticos produzidos pelos grupos populares.

O programa, como a folkcomunicação, é direcionado principalmente aos grupos marginalizados. O cotidiano de um menino de rua, reconhecido pelos países latino-americanos, um fato social comum nas grandes cidades, é exibido de uma forma mais suave. Segundo Canclini (2002, p.12):

(...) a história de estudos compartilhados, exílios e migrações nesta região, a fraternidade no cinema, e a literatura, o tango, o bolero e o rock, a música e as telenovelas cuja as ganâncias pela a exportação pelas mesmas é tão grande quanto a do petróleo para os outros países.

O autor ainda explica sobre como é a visão dos latinos americanos para o mundo. Para ele, a globalização tem alterado o significado do latino-americano, o que fortalece uma necessidade da discussão e do espaço discursivo destes grupos.

A pergunta sobre o que significa ser latino-americano está mudando no século XXI, se desvalem em respostas que antes convenciam e surgem dúvidas sobre a utilidade de assumir os compromissos continentais. Aumentaram as vezes que interviam neste debate: indígenas e africanas, camponesas e suburbanas, feministas e provenientes de outras margens. Ao mesmo tempo, os Estados nacionais, que integravam parcialmente os fatores que firmavam lugares dentro da primeira modernidade, são diminuídos pela globalização. (CANCLINI, 2002, p.18)

Octavio Paz descreve, na obra *O Labirinto da Solidão*, a sociedade mexicana como algo que nasceu depois da chegada dos espanhóis, quando Cortes se envolve com Malinche. Uma sociedade que luta contra seu passado, o que provoca uma solidão de origem, e que procura momentos alegres para compensar esta tristeza.

El Chavo del Ocho

O programa Chaves foi idealizado pelo ator Roberto Gómez Bolaños em 1971, mas o que o público desconhece é que o personagem Chaves foi baseado em alguém real. Trata-se um menino de aproximadamente oito anos que fora abandonado por sua mãe em um orfanato, onde a principal responsável se chamava Martina e que espancava as crianças do local. Chaves resolve fugir. Caminhando pelas ruas, conhece Maneta, um homem que vive em um carro que apresenta o menino às drogas e ao sexo.

Pouco depois, Maneta começou a fumar e em seguida passou o cigarro para o menino que estava ao lado dele. Este deu apenas uma tragada e o passou adiante. E os outros fizeram o mesmo, até que o cigarro chegou a mim. Então também dei uma tragada, mas me deu uma tosse horrível. (BOLAÑOS, 2006, p.21)

Não tinha nome. Todos o chamava de El Chavo Del Ocho (este é o nome original do programa. Chaves foi um erro de tradução para o português, pois a tradução correta é O menino da casa oito), por viver com uma senhora idosa que morava na casa oito em uma vila miserável. Em seguida, a senhora morre e Chaves passa viver na vila, dormindo de casa em casa. Tinha muitos amigos mas sempre ficava sozinho.

Outra curiosidade é que no programa Chaves vive em um barril, mas na história verdadeira o barril é um lugar onde Chaves chora e reflete sobre tudo o que acontece com ele.

Porque não é verdade que vivo num barril, como dizem uns e outros por aí. O que acontece é que me escondo no barril quando não quero que percebam que estou chorando. E também quando não quero ver ninguém. Ou quando tenho muita coisa pra pensar. (BOLAÑOS, 2006, p.23)

O encontro de Roberto Bolaños com o menino aconteceu em uma praça. Chaves se ofereceu para engraxar seus sapatos. Bolaños esteve a ponto de responder que não, mas segundo o mesmo relato em seu livro, veio um pressentimento e resolveu aceitar.

O cliente em questão lhe fez várias perguntas, mas o menino as respondia sem exatidão. Ao final do serviço, “Chaves foi presenteado com uma bela gorjeta que, por sua vez, saiu correndo e gritando que iria comprar vários sanduíches de presunto, e acabou esquecendo todo o seu material de trabalho. Roberto foi atrás do menino, mas sem êxito. Então Bolaños resolveu abrir as coisas que o menino esquecera ali para ver se encontrava algum endereço para entregar os pertences ao menino. Não encontrou nenhuma referência, somente um caderno sujo e com erros de ortografia onde relatava toda sua vida.

A partir da leitura desse diário, Bolaños cria o seriado de maior sucesso no México, intitulado *El Chavo Del Ocho*.

Em março de 1972, antes de se tornar um seriado, Chaves era apenas uma esquete¹ que pertencia a um programa que se chamava *Los supergenios de la mesa cuadrada* (os super-gênios da mesa quadrada). Este programa teve o início na emissora TIM (Televisión Independiente Del México) em 20 de junho de 1971. A emissora não financiava o seriado, que era bancado por seu criador, Roberto Bolaños. Além do Chaves”, o programa contava com outras esquetes, como Chespirito (nome este que Bolaños adquiriu como nome artístico). Como o programa se referia à mesa havia outros personagens que a compunha, dentre elas Maria Antonieta De Las Nieves, Rúben Aguirre e Ramón Valdés, todos com um personagem no programa. Maria Antonieta era a apresentadora, Rúben era o professor Girafales (caracterizado com um bigode e chapéu) e finalmente Valdés interpretava um bêbado². Em seguida, a Televisa compra a TV TIM e passa financiar o programa, que contava com quatro esquetes: Doutor Chapatin, o Chópiras, O Chapolin Colorado e o Chaves.

Em 1973, devido ao grande sucesso, *El Chavo Del Ocho* deixa de ser esquete e passa a ser um programa direcionado ao público adulto. Mas como o tema principal é a vida de uma criança, em pouco tempo o seriado passa a ter como público alvo o infantil.

El Chavo del Ocho é um programa que mostra o dia-a-dia de uma vila com situações cômicas por uma ótica otimista, sob a pele do garoto “Chaves”, que vive num cenário de uma vila miserável da Cidade do México, sem deixar de mostrar o abismo social entre vizinhos, a fome e o desamparo das crianças de rua. O seriado conquistou o público e a crítica. Um sucesso em mais de 90 países, hispânicos ou não, em que foi exibido. Na lista estão, dentre outros, Brasil, Estados Unidos, Argentina, Peru (BOLAÑOS, 2006).

O auge do programa dá-se de 1973 a 1978, com grandes picos de audiência no México. Maria Antonieta De La Nieves (Chiquinha) deixa o seriado em 1974 para virar apresentadora. Na história, Chiquinha foi morar com uma tia no interior e para suprir a ausência da personagem, Senhor Madruga recebe em sua casa sua afilhada Malicha. Nesse mesmo ano começam as gravações da escolinha do professor Girafales. Em 1975, De Las Nieves retorna ao seriado. Carlos Vilagrán, o Quico, em 1978, deixa o programa para se dedicar a um programa próprio na Venezuela. Com a falta de Vilagrán, Bolaños adapta novos episódios, como o restaurante de Dona Florinda.

Quando tudo parece ter se solucionado, em 1979, Ramón Valdés deixa o seriado e vai trabalhar com Vilagrán (Quico) na Venezuela. Os episódios de Chaves passam a alternar entre o restaurante de Dona Florinda e a vila. Nasce a personagem Dona Neves, a bisavó de Chiquinha, e é a própria Maria Antonieta que interpreta.

Em 1980, El Chavo del Ocho volta a ser uma esquete. Em 82, Ramón Valdés retorna ao elenco, debilitado, pois descobre um câncer no pulmão. Em 1983, o programa pára de ser exibido, retornando somente quatro anos mais tarde. Já sem Valdés, depois as mortes de Angelinez Fernandez (Dona Clotilde, a Bruxa do 71) e o carteiro Jaiminho, o programa deixa de ser exibido de vez em 1992.

No Brasil, O programa batizado como Chaves começou a ser exibido em 1984 como parte do programa do palhaço Bozo, na emissora TVS, que depois viria a se chamar SBT (Sistema Brasileiro De Televisão). O SBT faz uma parceria com a Televisa e a emissora de Silvio Santos passa a exibir também as novelas mexicanas. Devido ao grande sucesso que o seriado faz no Brasil, a emissora SBT decide, em 1988, exibir o seriado em horário nobre. O último episódio foi em 1992 e se chamava “Aula de Inglês”.

Em janeiro de 2007, a Televisa lança os episódios do seriado EL Chavo del Ocho em desenho animado. E com uma novidade: a ausência da personagem Chiquinha no desenho animado.

Maria Antonieta De Las Nieves e Roberto Bolamos tiveram atritos porque De Las Nieves registrou (Chilindrina, o nome original de Chiquinha) em seu próprio nome sem consultar Bolamos, que por sua vez se sentiu traído. O mesmo tentou interceder na justiça para que Maria Antonieta não obtivesse o direito de utilizar o nome da personagem como seu próprio nome, mas a justiça incedeu por De Las Nieves. No Brasil, o desenho é exibido no SBT aos sábados de manhã e no canal de assinatura Cartoon Network, em horários variados.

Bolaños nas idéias de Paz

Além de “Chaves”, o seriado relata as vidas de mais oito personagens que expõem o cotidiano de uma vila de periferia e faz uma crítica suave dos aspectos econômicos do México, os desníveis de classes sociais. Cada personagem tem uma história peculiar, como perdas, mudanças, tristezas, abandono, a falta de dinheiro, tendo que se submeter a situações constrangedoras. Um exemplo clássico do programa é a fuga de Senhor Madruga (Ramón Valdez) do Senhor Barriga (Edgar Vivar). Uma situação cômica, mas ao mesmo tempo triste, porque Senhor Madruga é um típico desempregado e cria sozinho sua filha, Chiquinha. Não consegue um emprego e assim não paga o aluguel ao proprietário do imóvel, o Senhor Barriga, tendo que inventar desculpas para que não seja despejado de sua casa com uma filha para criar. Os episódios destes personagens consistem em mostrar o sentimento de inferioridade dos pobres (os moradores da vila) aos ricos (senhor Barriga) ou cultos (professor Girafales).

A história do México é a do homem que procura a sua filiação, a sua origem, sucessivamente afrancesado, hispanista indigenista, “pocho” atravessa a história como um cometa de Jade, que de vez em quando relampagueia. Na sua excêntrica carreira, o que persegue? Corre atrás de sua catástrofe: quer voltar a ser só, voltar ao centro da vida de onde um dia - na conquista ou na independência - foi desligado. (PAZ, 2006, p.23).

E ao final de tragédias, brigas e choros, o episódio acaba sempre acaba com todos felizes. A comparação dos personagens com signos mexicanos inicia-se com o personagem principal do programa: o menino “Chaves”.

Chaves é um menino de aproximadamente oito anos que não sabe o seu nome, pois fora abandonado muito novo em um orfanato por sua mãe. Não tem referencial de pai, como cita no diário. “(...) quem nasce é porque, antes seu pai se deitou com sua mãe. Acontece

que não conheci meu pai. Ou seja, mal ele se deitou com minha mãe, foi embora” (BOLAÑOS, 2006, p.11).

De acordo com Paz, Chaves é como um típico mexicano. Sofre, tem um semblante triste, se sente inferior, como relata em seus episódios e também no livro.

Os mexicanos são desconfiados; eles são abertos. Nós somos tristes e sarcásticos; eles são alegres e humorísticos. Os norte-americanos querem compreender; nós queremos contemplar. São ativos; nós somos quietistas: desfrutamos das nossas chagas como eles dos seus inventos. (PAZ, 2006, p.26)

Por várias vezes ele chega a usar a palavra “burro” para se autodefinir, porque ninguém o adotara por ser “feio” e “burro” ou por não conseguir arquitetar um plano para fugir do orfanato, e também não ter a esperteza de Chiquinha. Ao chegar na vila, se sente estranho, pois ao mesmo tempo em que ele fica rodeado por pessoas. Ele está só, porque todos têm família, e ele não. Tal situação é definida por Paz para retratar a personalidade dos mexicanos de modo geral como:

É impossível identificar ambas as atitudes: sentir-se só não é sentir-se inferior, mas sim diferente. O sentimento de solidão, por outro lado, não é uma ilusão- como às vezes é o de inferioridade- e sim a expressão de um fato real, somos, na verdade, diferentes. E, na verdade, estamos sós. (PAZ, 2006, p.22)

Chaves tem uma antipatia por Quico, filho de Dona Florinda, órfão de pai, um capitão de navio que morreu em um naufrágio. Quico é uma criança mimada por sua mãe. Usa roupa de marinheiro como seu pai e tem absolutamente tudo o que deseja. A figura de Quico é definida por Paz como mais um traço do mexicano:

Como se sabe os “pachucos” são bandos de jovens geralmente de origem mexicana, que vivem nas cidades do Sul e que se singularizam tanto por suas vestimentas quanto por sua conduta e sua linguagem. Rebeldes instintivos, contra eles já se refestelou mais de uma vez, o racismo norte-americano. Mas os “pachucos” não reivindicam a sua raça nem a nacionalidade dos seus antepassados. (PAZ, 2006, p.17).

Quico é uma criança invejosa, apesar de ter tudo o que sonhou ele sempre quer mais e quer o que é do outro. Faz questão de mostrar aos seus amigos que pode ter todos os “brinquedos” do mundo, e passar vontade em todos eles. Foi criado com status de nobreza e que pensa

que todos que estão à sua volta são “gentalhas”, inferiores a sua classe. Tudo o que Quico pensa se dá devido ao modo que sua mãe o trata. Quico é um perfeito “pachuco”, pelas definições de Paz (2006, p.17), pra quem:

O pachuco não quer voltar à sua origem mexicana. Também pelo menos na aparência - não deseja fundir-se a vida norte-americana. Tudo nele é impulso que se nega a si mesmo, nó de contradições, enigma. E o primeiro enigma é o seu próprio nome: “pachuco” vocabulário de filiação incerta, que não diz nada e diz tudo. Estranha palavra, que não tem significado preciso o que, mais exatamente, está carregada como todas as criações populares, de uma pluralidade de significados. Queiramos ou não estes seres são mexicanos, são um dos extremos a que pode chegar o mexicano.

Um exemplo dessa sensação de rejeição está na forma do Quico se expressar com os seus colegas da vila: “Gentalha, gentalha, gentalha”. Dessa forma, ele se coloca superior a todos ao seu redor e renega as suas próprias origens.

Todos os personagens possuem seus problemas pessoais, mas estes não são revelados em momento algum. Não há momentos de confissão nos seriados. Tal característica é descrita por Paz (2006, p.30-31) em:

A linguagem popular reflete até que o ponto nos defendemos do que é externo: o ideal da hombridade consiste em nunca falar demais. Os que “se abrem” são covardes. Para nós, ao contrário do que acontece com outros povos, abrir-se com alguém é uma fraqueza ou uma traição. O mexicano pode se curvar, se humilhar, se agachar, mas não pode “se abrir”, isto é, permitir que o mundo externo penetre na sua intimidade. O indivíduo “dado” não é de muita confiança, é um traidor ou um homem de fidelidade duvidosa, que conta os segredos e é incapaz de enfrentar os perigos como se deve.

Baixinha, cheia de sardas, esperta e muito astuta, odeia a palavra escola. Dona de uma lábia e seu jeitinho convence todo mundo. Filha única do Seu Madruga, Chiquinha (Maria Antonieta De Las Nieves) é uma garota muito mimada, bagunceira e sem limites. Apaixonada secretamente pelo Chaves, Chiquinha encontra em Paty uma rival pelo amor de Chaves.

Chiquinha faz de tudo para provocar a menina. E como toda filha única, também morre de ciúmes do pai, e luta para afastar qualquer mulher que se aproxime dele. Chiquinha é uma feminista convicta e adora pregar peças e se dar bem às custas de Chaves e Quico, que sempre

caem nas armações da garota. Tal mania de tirar vantagem é descrita por Paz (2006, p.13-14) como um traço da personalidade mexicana. Segundo ele:

Muitas vezes as respostas que damos a estas perguntas são desmentidas pela história, talvez porque isto que chamam o “gênio dos povos” seja apenas um complexo de reações mediante um estímulo dado; diante de circunstâncias diversas, as respostas podem variar e, com elas, o caráter nacional, que tinha a pretensão de ser imutável.

Dona Florinda (Florinda Meza) é uma mulher que vive a ilusão que é uma pessoa rica por ser a que tem os melhores dotes financeiros da vila, quando na verdade a situação não está tão boa assim, pois com a morte do marido acabou todo o dinheiro e o luxo, e a vergonha toma conta de sua personalidade. “As mulheres são seres inferiores porque, ao se entregarem, se abrem. Sua inferioridade é constitucional e reside no seu sex, na sua ‘abertura’, ferida que não cicatriza nunca” (PAZ, 2006, p.31). A única pessoa que faz com que a coração duro se derreta se transforme em doçura e encanto é o Professor Girafales, que sempre lhe traz um ramo de flores, e é recebido com uma xícara de café. Dona Florinda pode ser associada à figura da Malinche, uma mulher da mitologia mexicana que foi oferecida ao espanhol Cortês e que todos seus filhos são chamados de “*Hijos de la Chingada*” (filhos da estupro, violada).

Ao mesmo tempo em que Dona Florinda se mostra forte, brava, se mostra frágil, pois tem que criar uma filha sozinha, com uma pensão recebida pela a morte do marido muito baixa, e privada de todo o conforto que tinha antes do marido falecer. Sua fragilidade é tamanha que o fato de ter que abandonar sua vida de luxo para viver em uma vila fora dos padrões que costumava viver, sem ao menos tentar arrumar um emprego e manter uma estabilidade de vida. A qualquer momento, como Cortês descartou Malinche, o professor Girafales pode deixá-la, e Dona Florinda pode vir a sofrer calada.

Quem é a Chingada? Antes de tudo, é a Mãe. Não uma mãe de carne e osso, mas uma figura mítica. A Chingada é uma das representações mexicanas da maternidade, como a “Ilorona” ou a “sofrida mãe mexicana” que festejamos no dia 10 de maio. A Chingada é a mãe que sofreu metafórica ou realmente, a ação corrosiva e infamante implícita no verbo que lhe dá o nome. (PAZ, 2006, p.71)

O autor volta, em outro trecho da obra, a discutir sobre a chingada de forma que possa se relacionar diretamente ao seriado Chaves, quando:

O chingado é o passivo, o inerte e aberto, por oposição ao que chinga, que é ativo, agressivo, fechado. O chingón é o macho, que se abre. A chingada, a fêmea, a passividade pura, inerme ante o exterior. A relação entre ambos é a violência, determinada pelo poder cínico do primeiro e a impotência da outra. A idéia de violação rege obscuramente todos significado. A dialética do “fechado” e do “aberto” cumpre-se assim com uma precisão quase feroz. (PAZ, 2006, p.73)

O professor de escola pública é um homem de porte elegante, bem educado e bastante culto, embora um tanto “pão duro”. Apesar de ser um homem maduro, trabalhador e muito tímido, sabe que iria ter que apertar o cinto ao máximo para sustentar alguém com seu baixo salário. Professor Girafales é associado a Cortês, o espanhol. Não é rico, mas munido de uma inteligência capaz de rebaixar os moradores (mexicanos) aos seus pés.

Os espanhóis também abusam das expressões fortes. Diante deles o mexicano é singularmente pulcro. Mas enquanto os espanhóis se comprazem na blasfêmia e na escatologia, nós nos especializamos na crueldade e no sadismo. O espanhol é simples: insulta a Deus porque acredita nele. A blasfêmia, diz Machado, é uma oração ao inverso. O prazer que experimentam muitos espanhóis, inclusive alguns de seus mais altos poetas, quando aludem aos detritos e misturam a merda com o sagrado, parece-se um pouco com o das crianças que brincam com a lama. (PAZ, 2006, p.73)

O risonho Sr. Barriga é o dono da vila, que para economizar cobradores vai pessoalmente cobrar os aluguéis. É um sujeito simples, paciente, amigo e prestativo, que no fundo, no fundo, adora o menino Chaves. Apesar de perder a paciência com as pancadas que recebe de Chaves, e estas que são muito forte exemplo no episódio “Quem brinca de carpinteiro, briga o tempo inteiro”, de 1973, em que Sr. Barriga apanha tanto de Chaves que chega sair de maca e ensangüentado. Mas mesmo assim ele gosta muito do garoto, e inclusive já o levou para uma viagem à Acapulco, e também ao cinema.

Apesar de ter de aturar as fugas do Seu Madruga, que lhe deve quatorze meses de aluguel, o Sr. Barriga sabe que no fundo jamais teria coragem de despejar o Madruga e sua filha. Sua renda vem quase toda dos empreendimentos que aluga, como os apartamentos da vila e o restaurante da Dona Florinda. Seu grande xodó é o menino Nhonho, seu filho. Ninguém conhece sua esposa, que está sempre viajando a negócios.

Senhor Barriga é versão mais “boazinha” de Cortês, homem que torturou e assassinou o

jovem imperador Azteca Cuauhtémoc. Cortés conquistou o poder no México, Senhor Barriga tem o poder da vila.

Qualquer contato com o povo mexicano, mesmo fugaz, mostra que debaixo das formas ocidentais ainda palpitam as antigas crenças e costumes. Estes despojos, vivos ainda, são testemunho da vitalidade das culturas pré-cortesianas. Depois das descobertas dos arqueólogos e historiadores, já não é mais possível referir-se a estas sociedades como tribos bárbaras ou primitivas. (PAZ, 2006, p.83)

Nhonho é o filho do Seu Barriga, cara e banha do pai. Algumas vezes, usa este fato para tirar vantagem dos amigos, mas na maioria das vezes é generoso, em especial quando se trata de dinheiro, que tem de sobra, mas é egoísta quando o assunto é comida. Ele acha que se der um pedacinho de seus lanches aos amigos vai fazer muita falta ao seu estômago. Apesar de obeso, Nhonho é muito ágil e não deixa desaforos baratos: defende-se a pancadas, ou melhor, a pançadas, esta que é muito grande, lançando os amigos pra longe.

Já o medroso e desajeitado Godinez não é um grande exemplo na escola. É ele que senta no fundo da sala. Com seus olhos arregalados e seu boné de aba virada para cima. Quando o professor Girafales lhe chama para responder uma pergunta, ele já vai respondendo: "Mas eu não sei", ou "Por que se eu não fiz nada?". Ele dá tantas desculpas que o professor acaba ficando irritado e desiste de fazer a pergunta a ele. Apesar de ser muito bobo, de um jeito de um outro acaba se saindo bem nas perguntas que o professor lhe faz. Godinez (Horácio Bolaños) é como Chaves um mexicano que tem vontades, não tem dinheiro, mas há uma coisa que difere de Chaves, ele é medroso, Chaves corajoso.

Velho ou adolescente, crioulo ou mestiço, general, operário ou bacharel, o mexicano surge como um ser que se fecha e se preserva: máscara, o rosto, e máscara, o sorriso. Plantado na sua arisca solidão, espinhoso e cortês ao mesmo tempo, tudo lhe serve para que se defenda: o silêncio e a palavra, a cortesia e o desprezo, a ironia e a resignação. (PAZ, 2006, p.30)

Pópis é uma menina de fala fanha, ingênua, vaidosa. É a sobrinha de Dona Florinda, e também alvo da esperteza de Chiquinha. Apesar de inocente ela é egoísta e se aproveita de sua condição econômica ser um pouco melhor que a dos outros moradores da vila, para mostrar os

devidos lugares de cada um. Assim como Chiquinha e Quico, Pópis pode ser comparada a um pachuco, pois desconhece a origem de seu povo e não se importa com ninguém.

E por fim, o simpático Jaiminho, carteiro da vila, que sempre chega alegre e sorridente carregando a sua velha bicicleta ao lado, pois não sabe andar nela. E se disser aos correios que não sabe andar, no dia seguinte está na rua. O velhinho é risonho, amigo, está sempre cansado e cheio de manhã. Para evitar a fadiga, ele até pede aos receptores das cartas que procurem tudo que for endereçado a eles dentro da mochila de cartas enquanto ele descansa um pouquinho. Solteiro convicto, é alvo do assédio da Dona Neves e até da Dona Clotilde, mas prefere mesmo é continuar se gabando de como era conquistador no pequeno povoado de Tangamandápio, um lugar lindo, de onde ele diz ter vindo.

Jaiminho também é um mexicano que apesar de ser cortês, risonho, alegre, é um homem solitário e reservado, pois ninguém sabe o que se passa verdadeiramente com ele.

Estamos sós. A solidão, de cuja profundidade brota a angústia, começou no dia em que nos despedimos do âmbito materno e caímos em um mundo estranho e hostil. Caímos; e esta queda, este saber que caímos, nos torna culpados. De quê? De um delito sem nome: o de ter nascido. Estes sentimentos são comuns a todos os homens e não há nada neles que seja especificamente que foi feita muitas vezes, e sim de assinalar alguns traços e emoções que iluminam com uma luz particular a condição universal do homem. (PAZ, 2006, p.75-76)

De acordo com as idéias de Paz (2006), podemos perceber como a personalidade dos mexicanos está diretamente relacionada à dos personagens do Chaves. Todos são, de certa forma, tristes, sós.

Conclusões

Com esta análise, percebe-se que o seriado El Chavo del Ocho é mais que um programa de entretenimento. A obra serve de reconstrução dos traços culturais deste povo, conhecido por sua alegria presente nas festas e nas comemorações. Seus personagens, de acordo com a comparação desenvolvida entre o que narra o seriado e a obra de Paz (2006), reconstróem a personali-

de mexicana para que a sociedade massiva compreenda a si mesma. Além disso, Bolaños aproveita a oportunidade para fazer com que os grupos marginalizados se identifiquem com os personagens de sua obra, aproveitando a oportunidade também para desenvolver críticas sociais discretas, porém eficazes e existentes. O autor do seriado, através de suas mensagens diretamente relacionada com a cultura popular mexicana descrita por Octavio Paz é, na verdade, um agente folkcomunicação, deixando de ser somente um líder de opinião. De acordo com Renó (2007, p.46), “este novo ‘líder de opinião’ ganhou a função de agente folkcomunicação, responsável também pela produção de conteúdo para ambientes midiáticos, como a Internet e a televisão”.

O seriado *El Chavo del Ocho*, ou *Chaves*, como é intitulado no Brasil, é considerado uma obra de má qualidade por grupos eruditos, pela elite. Porém, percebe-se, com esta análise, que há cultura e informação por trás das piadas sem rumo de seus personagens. Além disso, a oportunidade da sociedade se ver, dos grupos marginalizados se notarem em meios de comunicação de importância, como a televisão, faz com que a auto-estima seja recuperada, e seus alinhamentos de protestos sociais acabam tendo maior comoção e melhor consolidação.

Espera-se que os resultados apresentados na análise deste trabalho sirvam de apoio para futuros trabalhos de pesquisa, tanto no campo da folkcomunicação como no campo do audiovisual, em especial em recortes latino-americanos. É fundamental o desenvolvimento de tais pesquisas, pois a sociedade latino-americana possui uma considerável equivalência de valores, o que valida as teorias de Luiz Beltrão no que tange a comunicação popular dos grupos marginalizados.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BOLAÑOS, Roberto Gómez. **Diário do Chaves**. São Paulo: Suma de Letras Brasil, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Latinoamericanos buscando lugar en este siglo**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação *In* GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão**. 4. ed. Cidade do México: Paz e Terra, 2006

RENÓ, Denis Porto. Agentes folkcomunicacionais *In* GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

1 Esquete (Sketch) um termo inglês muito utilizado para referir pequenas peças ou cenas como dramáticas ou cômicas, geralmente com menos de dez minutos. São freqüentes em programas cômicos de televisão.

2 Disponível em <http://www.chavodel8.com/historia.php>. Acessado em 13/05/2008.